

PLETORA DE EXPOSIÇÕES

São Paulo, ao contrario do que succede no Rio de Janeiro, passa por um periodo de grande atividade por parte dos artistas plasticos. Neste começo de julho temos, na capital da garôa, nada menos do que três boas mostras de pintura, — duas das quais coletivas.

Quinta-feira, Gino Bruno inaugurou sua exposição na Galeria de Arte Itá, enquanto Toledo Lara e Lothar Charroux o faziam na Galeria de Arte e Livros Itapetininga. E ontem, finalmente, na Galeria "Domus", três representantes da nova geração de pintores mostraram o que têm produzido afanosamente no fundo de seus "ateliers". São eles Aldemir Martins, Mario Grubber Correia e Enrico Camerini, três jovens que já se haviam encontrado uma vez durante a "Exposição dos Dezenove", que tanto deu que falar à critica.

Alem dessas, temos no "Museu de Arte de S. Paulo" uma interessante mostra de desenhos, aquarelas e gravuras de destacados artistas pertencentes ao movimento expressionista alemão, entre os quais Kokoschka, Barlach, Otto Lange, Pechstein, Nolde e outros.

Gino Bruno é um dos destacados representantes da pintura inspirada no impressionismo francês, atravessando no momento uma fase de grande equilibrio entre o grau de conhecimento técnico atingido e o impulso criador. É o artesão consciente e sem grandes veleidades literarias, mestre nos retratos e "naturezas mortas".

Diferente é a exposição da Galeria de Arte e Livros Itapetininga, onde vemos a mocidade trabalhosa de Toledo Lara ao lado do "abstracionismo" mais ou menos temerario de Charroux. Pintura mais intelectualizada a deste ultimo e que pode levar a desvios tais como o daquele quadro duplo e giratório.

Aldemir Martins, em contato frequente com o teatro, a cenografia, a illustração, mostra-nos na atual exposição esse estado de espirito indeciso, do artista que ainda não sabe que rumo tomará: o da pintura propria-

mente dita ou o da cenografia. Gostamos mais daquele Aldemir cru, que veio do Nordeste para expôr no Instituto dos Arquitetos do Brasil, Departamento de São Paulo; trazia uma paisagem pejada de literatura e anedotário mas, nela, como existia Brasil. Como algumas daquelas telas falavam à emoção e tinham humanidade. Hoje, o temperamento indigena de Aldemir leva-o a brincar com as cores puras, como um índio que tatuasse o proprio corpo com verde, amarelo e azul. No colorido deste jovem, vemos sempre o bugre que gosta da missanga e do vermelho de urucum. Tem um bom retrato amarelo de Marcelo Grassmann e diversos desenhos ótimos. Aliás, Aldemir é um dos nossos mais promissores illustradores.

Marcelo Grassmann foi retratado por Mario Grubber Correia tambem: é um tipo desses que atrai o pincel e que nenhum bom pintor deixaria passar despercebido. Mario Grubber Correia apresenta-nos boas "naturezas mortas", nas quais nos mostra que não é dos que desdenha o aprendizado duro e às vezes monotono. Seus "panejamentos" indicam que já sabe fazer muita coisa com o pincel. Dos três pintores, é o que numa série de dez trabalhos se apresenta mais versatil, mais variado, apesar de seu temperamento sóbrio e seu esforço silencioso e tenaz.

Enrico Camerini, tambem bastante versatil, mostra-nos trabalhos de 1946, 1947 e 1948. É dos jovens trabalhadores da chamada geração nova e, nesta sua ultima fase, está em grande atividade. Tem um retrato e um autorretrato que são dois documentos do quanto poderá ir longe na pintura. Retratos trabalhados cuidadosamente, nos quais não descursa nenhum dos elementos da pintura.

Enfim, São Paulo atravessa no momento uma fase de grnde produtividade por parte dos pintores que expõem mais ou menos regularmente. Com vagar, falaremos de cada um deles, porque todos têm algo sobre o que se deve dizer muita coisa. —

IBIAPABA.

1948

X